



PROVA AMIGO OCULTO: UMA VIVÊNCIA NA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Alinne Soares Freitas – Licenciando em Matemática no Instituto Federal de São Paulo, Campus Guarulhos (IFSP-GRU), Guarulhos, São Paulo, Brasil

Esther Castro de Lacerda – Licenciando em Matemática no Instituto Federal de São Paulo, Campus Guarulhos (IFSP-GRU), Guarulhos, São Paulo, Brasil

Fernando Angelis de Souza – Licenciando em Matemática no Instituto Federal de São Paulo, Campus Guarulhos (IFSP-GRU), Guarulhos, São Paulo, Brasil

Zyon Luka Bernardino – Licenciando em Matemática no Instituto Federal de São Paulo, Campus Guarulhos (IFSP-GRU), Guarulhos, São Paulo, Brasil

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Ximenes Flores, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Câmpus Guarulhos

Guarulhos - São Paulo

2025

1. Introdução

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) Campus Guarulhos é uma instituição pública de ensino que oferta cursos de nível técnico, de nível médio integrado ao técnico, cursos superiores e de pós-graduação. Dentre os cursos superiores oferecidos, há o curso de Licenciatura em Matemática, que de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) vigente (IFSP, 2022) compromete-se com a preparação do professor, habilitando-o a desempenhar a docência em Matemática em distintas etapas e modalidades da Educação Básica, bem como a participar da organização e administração dos sistemas educacionais e de suas instituições de ensino, com ética e responsabilidade, visando à construção de uma sociedade equitativa.

Este Relato de Experiência está alinhado com o “Eixo 1: Ciência, Saúde e Educação”, mais especificamente, aborda a temática Formação Inicial de Professores. No decorrer do texto temos como objetivo detalhar a experiência vivenciada nas provas da disciplina Vetores e Geometria Analítica, em um Curso de Licenciatura em Matemática presencial, no IFSP Campus Guarulhos. Esta disciplina é oferecida no terceiro semestre do curso, está estruturada sob a base de dois assuntos intimamente relacionados, que são a Geometria Analítica Espacial e os Vetores e possui como objetivos: “Relacionar as representações algébricas com entes geométricos; Desenvolver habilidades como raciocínio geométrico e visão espacial; Estimular a capacidade crítica para a análise e resolução de problemas” (IFSP, 2022, p. 200). O relato foi produzido pela orientadora, que atuou como docente da disciplina e por quatro estudantes que cursaram a disciplina no primeiro semestre do ano de 2025.

Conforme a estrutura proposta pela organização da XIV Semana Municipal de Ciência e Tecnologia de Guarulhos (XIV SEMCITEC), na Seção 2 faremos uma descrição detalhada de como as provas foram desenvolvidas e vivenciadas pela Formadora de Professores e pelos Licenciandos em Matemática, autores do texto. Na Seção 3 os relatos serão articulados com referenciais teóricos que discutem avaliação, principalmente na Formação Inicial de Professores de Matemática e na seção 4

deixaremos algumas considerações acerca do que foi discutido e possibilidades para trabalhos futuros.

2. Descrição detalhada da experiência “Prova Amigo Oculto”

A turma de Vetores e Geometria Analítica era composta por doze estudantes. No primeiro dia de aula da disciplina foram propostos pela Professora três instrumentos de avaliação: duas provas com peso 4 cada uma e uma produção livre com peso 2. Para a produção textual de formato livre, os estudantes deveriam relacionar os conteúdos abordados na disciplina com os conteúdos de Matemática ensinados na Educação Básica, refletindo sobre como os conhecimentos advindos da disciplina influenciam na formação e futura atuação dos Professores de Matemática. O produto desta avaliação, podendo conter figuras, relatos, poemas e outros gêneros textuais, a critério de cada estudante, seria entregue no final do semestre letivo.

Quanto às provas, que constituem o foco deste relato de experiência, foram apresentados dois formatos possíveis: tradicional ou amigo oculto. Na prova tradicional a Professora elaboraria o instrumento de avaliação e no dia planejado os estudantes resolveriam a prova individualmente. Na prova amigo oculto, cada estudante ficaria responsável por elaborar uma prova, de acordo com o conteúdo e regras pré-estabelecidos, trazer os enunciados e a resolução da prova em folhas separadas no dia planejado e participar do sorteio do amigo oculto, que apontaria qual prova seria resolvida por cada estudante. Os enunciados das provas seriam distribuídos conforme o sorteio, os estudantes resolveriam a prova elaborada por um amigo da turma, após a resolução cada estudante faria uma autoavaliação, comparando a prova que acabara de resolver com a resolução feita pelo elaborador da prova. Todas as etapas da prova receberiam uma pontuação, a saber, até quatro pontos pela elaboração e resolução da própria avaliação, até cinco pontos pela resolução da avaliação elaborada por um amigo e até um ponto pela autoavaliação.

Durante a exposição, a Professora apresentou mais detalhes sobre a prova amigo oculto, pois já tinha utilizado esse formato de avaliação no semestre anterior e o

formato tradicional já era bastante conhecido pelos estudantes. Foi dito que uma vantagem ao se realizar o amigo oculto seria o fato da nota dos estudantes não depender apenas da avaliação resolvida em sala de aula e que para o bom funcionamento, precisaria contar com a colaboração de todos os estudantes, não divulgando as provas elaboradas entre si. As dúvidas dos estudantes sobre os formatos também foram respondidas e foi feita uma votação, em que a maioria dos estudantes da turma decidiram por experimentar a avaliação amigo oculto. Ficou decidido também que após a primeira avaliação do semestre haveria uma nova conversa em que o formato de avaliação poderia ser mantido ou alterado para a segunda prova da disciplina.

Antes da primeira prova, em uma aula da disciplina, fizemos alguns acordos quanto à elaboração da prova, foram definidos o conjunto de temas que seriam contemplados nas questões, foi sugerido pela professora que os estudantes poderiam obter questões em livros da biblioteca, bem como em listas de exercícios elaboradas por outros professores disponíveis *online*, poderiam também utilizar os exercícios proposto por Winterle (2015), que utilizamos como principal referência, desde que não tivessem sido resolvidos como exemplo durante as aulas.

Realizada a primeira prova amigo oculto, a Professora avaliou todas as etapas, divulgou as notas, entregou as provas corrigidas para os estudantes e uma nova conversa aconteceu, em que ficou decidido, a partir da vontade da maioria, que a segunda prova seria no formato amigo oculto com alguns ajustes, por exemplo, a principal modificação foi consequência de uma das dificuldades relatadas pelos estudantes, não saber para quem estavam elaborando a prova, então combinamos de realizar o amigo oculto duas semanas antes da data prevista para aplicação da prova e deste modo não seria elaborada uma avaliação genérica, mas personalizada, considerando-se que a turma tinha convivência diária e uns conheciam bem aos outros. A experiência dos estudantes e da Professora será apresentada nas subseções a seguir, a partir de relatos individuais e reflexivos.

2.1 Relato de Alinne Soares Freitas

Particularmente, sempre fui mais adepta ao modelo tradicional, confesso que fiquei chateada com a escolha da turma, mas aceitei, uma vez que foi escolhida por meio de votação. Minha preferência se justifica pelo nível de dificuldade da prova, se a prova fosse aplicada pela professora, teria mais segurança de que todos os conteúdos cobrados seriam justos para todos, na medida em que ela tem maior conhecimento sobre as possíveis dificuldades dos alunos, já no modelo de amigo oculto, tudo era imprevisível, apesar de combinar com a turma, sempre há alguns alunos que fogem do combinado, mesmo sem querer.

Na semana da primeira avaliação fiquei muito ansiosa pensando na possibilidade de pegar uma prova muito difícil, mas confiei no combinado da turma e então elaborei minha prova. Foi minha primeira vez selecionando questões para uma avaliação, fiquei bastante confusa, pois queria colocar exercícios que eu sabia resolver, mas que tivessem um grau de dificuldade mais elevado, não somente exercícios de repetição, mas problemas que exigissem interpretação.

Após um longo tempo tentando escolher questões da internet e de outros livros, acabei optando por utilizar o livro que estávamos utilizando como base na disciplina Vetores e Geometria Analítica de Paulo Winterle, ele possui questões de todos os níveis, mas a maioria são exercícios práticos, além disso, na primeira avaliação, estávamos na primeira parte do conteúdo, que é mais introdução e base da disciplina, ou seja, não tinha para onde fugir, escolhi mais exercícios de repetição.

Passando essa primeira experiência, nas aulas seguintes discutimos como foi a prova para cada um, percebi que o nível de dificuldade foi bastante diferente para a turma, enquanto uns tiveram muita dificuldade, outros realizaram avaliações muito fáceis. A prova que eu elaborei foi muito extensa, coloquei muitos exercícios, tentando compensar a falta de questões mais elaboradas, mas com a avaliação do colega que realizou minha prova consegui notar esse ponto para melhoria e foi justamente o que fiz na segunda prova.

Na nossa segunda experiência, elaborei uma prova mais coerente, escolhendo questões mais concisas, mas que exigiam conhecimento do aluno. Nessa segunda forma, ao realizar o sorteio antes, consegui ter mais certeza da escolha das questões por conhecer o meu amigo oculto e saber suas dificuldades, mas fiquei receosa de sortear uma pessoa com pouca afinidade, que eu desconheço o nível de desenvolvimento na disciplina.

Ambas as avaliações que realizei, coincidentemente, foram elaboradas pela mesma pessoa, foi interessante observar como ela elaborou as provas, na primeira vez considerei a prova muito difícil, mas acredito que a ansiedade tenha contribuído para essa percepção, já na segunda vez, estava mais confiante e o amigo oculto dividiu melhor a quantidade de questões e o nível de dificuldade, tornando a experiência mais agradável.

Por fim, acredito que foi sim uma boa forma de avaliação, apesar dos obstáculos, notei uma certa evolução na elaboração das provas, tanto as que eu respondi, quanto as que eu elaborei, tornando o processo atrativo e uma opção de avaliação interessante para um curso de formação de professores.

2.2 Relato de Esther Castro de Lacerda

Quando foi feita a primeira votação, eu fui uma das três pessoas que foram a favor da prova tradicional, ou seja, uma avaliação com as mesmas questões para todos e elaborada por uma professora. Desde o início, fui contra a proposta do amigo oculto por alguns motivos; entre eles, o principal seria a diferença entre as provas.

É evidente que as provas teriam questões diversas e, conseqüentemente, diferentes níveis de dificuldade. Um aluno poderia realizar uma prova muito mais complexa que a minha, “afetando” a sua nota, por mais que esse sistema tenha sido pensado para que o peso fosse melhor distribuído. Essa situação realmente aconteceu na nossa sala. No meu ponto de vista, uma avaliação não deve ser simples, com questões que não exigem o raciocínio; pelo contrário, é uma oportunidade para sermos

desafiados. Contudo, um aluno do 3º semestre está realmente capacitado para elaborar uma avaliação equilibrada?

Após a primeira prova, era claro, pela feição e pelos comentários trocados entre nós, que a cobrança dos conteúdos foi desigual. Além disso, outro motivo seria a falta de conhecimento e experiência para elaborar uma prova. Sei que sempre há uma primeira vez para tudo, só não esperava que “montar” uma prova fosse no 3º semestre da faculdade. Segundo a minha visão, para que fizéssemos isso, precisaríamos de conhecimentos que só adquiriríamos em semestres futuros.

Por mais que selecionar questões pareça simples, essa tarefa não pode ser feita sem pensar naquilo que se está exigindo: Que parte do conteúdo é cobrada nesta questão? Por que é válido colocar essa na prova? Consegui abordar uma boa parte do conteúdo? Esta prova está condizente com o que vimos em aula? As questões são pertinentes? Os pontos estão bem distribuídos? A complexidade está apropriada? Após tudo isso, ainda é preciso perguntar-se: "Será que esta prova que acabei de elaborar está adequada?"

Quando estávamos discutindo a possibilidade desse sistema, a professora relatou que, quando essa experiência foi feita em outras salas, mostrou-se proveitosa e trouxe resultados positivos, entre os quais estava a redução da ansiedade.

O efeito em mim foi o contrário. Senti-me muito mais ansiosa pela mudança na rotina a que estávamos acostumados. A incerteza sobre quem faria a minha prova — qual seria a sua complexidade, se seria equilibrada e se eu seria devidamente desafiada — incomodou-me profundamente.

Poderia-se argumentar que, mesmo com a prova feita pela professora, eu não saberia as respostas para as questões que listei. Porém, a competência e a capacidade de estudantes que cursam uma licenciatura não é a mesma que a da professora, experiente na área de Matemática.

Para a elaboração da prova, decidi utilizar o livro indicado pela professora no início da disciplina: "Vetores e Geometria Analítica", de Paulo Winterle. Optei por esse

material, pois foi o mesmo que utilizamos durante todas as nossas aulas. Assim, o estudante que, por sorteio, fizesse a minha avaliação não estranharia a fonte do conteúdo. Escolhi apenas questões que não foram resolvidas em sala com a professora, pois, conforme a minha visão, a prova deve ser desafiadora, exigindo que o estudante reflita sobre o conteúdo trabalhado.

Ademais, selecionei os conteúdos que considere mais pertinentes para serem cobrados. Procurei sempre diversificar os tipos de enunciados, incluindo, por exemplo, questões objetivas e discursivas, uma que exigia apenas cálculo e outra, mais rigorosa, que requer uma demonstração.

2.3 Relato de Fernando Angelis de Souza

Durante a primeira decisão, escolher entre manter um modelo tradicional e essa nova forma de avaliação, optar pelo novo parecia ser uma ótima ideia, ainda assim, algo que foi contundente observar foi a falta de preparo para elaborar uma prova, já que era algo que até então não havíamos feito nenhuma, ainda assim, o novo foi decidido pela maioria.

Elaborar a primeira prova foi sim uma boa experiência, como professor, provavelmente não será só a primeira, mas seria justo avaliar meus colegas a partir de uma avaliação feita por pessoas que nunca fizeram uma? Independente disso, a linha de pensamento de saber o que os colegas dominaram ou ainda tinham dificuldades foi uma maneira de se colocar no lugar do outro, pensar não no “eu”, mas no coletivo, para assim, elaborar uma prova justa.

Mas para contrapor essa boa experiência de fazer a própria prova, fazer a prova feita por outra pessoa é turbulento. Quando se lida com a prova de algum professor sabe-se como ele trabalha, como ele pensa, vendo suas listas, suas aulas, suas explicações, mas o mesmo não se aplica a um colega, a incerteza de saber quem faria a prova para quem, deixaria apagada a “cultura” do autor da mesma, pois cada alunos possui um ponto de vista diferente, cada um tem uma noção diferente, o que torna algo extremamente incerto e muito aberto.

A elaboração é válida, mas a aplicação soou impraticável, em vista disso, houve mais incerteza sobre continuar o esquema para a segunda prova, ainda assim, através de uma outra votação foi decidido manter o mesmo procedimento.

A segunda prova foi melhor do que a primeira, pois todos haviam, mesmo que um pouco, amadurecido no quesito elaboração da avaliação, pois após a primeira, todas as críticas, observações e comentários foram considerados por todos, levando a uma clara melhora.

A experiência do “amigo oculto” foi sim ótima, cheia de pontos positivos, todavia, não para estudantes do terceiro semestre, ainda não fora desenvolvido tal competência, então se feito com estudantes mais a frente no curso, sem dúvidas, seria extremamente proveitosa, pois é uma proposta que conecta muitas disciplinas e introduz a um esquema que fará parte do cotidiano de nós, professores.

2.4 Relato de Zyon Luka Bernardino

Minha impressão acerca do modelo de prova amigo oculto como critério de avaliação foi muito positiva, tendo votado a favor dessa forma nas duas ocasiões, principalmente pensando em como é uma forma de realizar uma ruptura com o modelo tradicional do ensino de matemática.

É evidente que na maioria das disciplinas a maior parte da avaliação sempre se dá por meio de provas e este é um fator de ansiedade muito grande entre os estudantes. Ao meu ver o modelo de prova amigo oculto possui o diferencial em alterar essa dinâmica, visto que uma prova elaborada por um colega da turma pode ser mais simples do que a prova elaborada pelo professor que está ministrando a disciplina. Porém conforme nos aproximamos do dia da prova ficou claro que este não é exatamente o caso: muitos dos colegas estavam ansiosos e curiosos para saber de qual colega iriam fazer a prova, e faziam especulações o tempo todo de que a prova dos colegas mais engajados na aula fosse ser uma prova muito difícil em relação às provas dos outros colegas.

Quando fui elaborar minha primeira prova desejei fazer algo à altura do que um professor faria, unindo exercícios que fossem mais diretos à exercícios mais conceituais. Dado o caráter da disciplina de trabalhar especificamente com vetores na geometria analítica, para os primeiros exercícios eu busquei problemas já vistos anteriormente na disciplina do semestre anterior de geometria analítica, trabalhando com o plano, visto que vários destes problemas são muito mais simples quando trabalhados com os vetores. Para além destes, coloquei na prova exercícios de vetores no espaço acerca dos conteúdos vistos no início da disciplina, englobando o módulo de um vetor, produto escalar, ângulos diretores e vetor projeção, sendo alguns deles versões adaptadas de exercícios retirados do livro Vetores e Geometria Analítica de Paulo Winterle, que foi o referencial trabalhado na disciplina.

Já para a segunda prova, tomei a liberdade de elaborar de forma autoral três exercícios que envolvessem o conteúdo, tomando de inspiração provas de outros professores que pedi de apoio. Além disso trouxe novamente exercícios do livro referencial da disciplina. Os conteúdos trabalhados foram produto vetorial e produto misto, bem como retas e planos no espaço. Gostei mais do resultado da segunda prova visto que já havia adquirido uma experiência de qual era a expectativa da turma e quando combinamos de realizar novamente este modelo de avaliação houveram certos combinados a fim de deixar mais padronizado o formato de todas as provas elaboradas pela turma.

O desafio em elaborar uma prova no terceiro semestre ficou evidente ao não termos tido ainda um embasamento teórico para tal; grande parte do que foi elaborado teve embasamento em experiências anteriores com avaliações em matemática que já foram vividas individualmente, então as inspirações foram os modelos de provas que já conhecia: iniciar com exercícios mais elementares, a ordem dos exercícios segue a ordem do conteúdo programático, grande parte dos exercícios tem caráter de “calcule” e não uma exploração mais conceitual dos conteúdos. Foram apenas nos primeiros exercícios de minhas provas que consegui realizar uma aproximação mais conceitual do conteúdo.

Apesar deste desafio eu gostei do processo pois o ato de elaborar uma prova é algo que estará sempre presente no exercício da profissão docente, e iniciar este

processo no terceiro semestre do curso, mesmo sem a fundamentação teórica, já nos dá um vislumbre de quais são as reflexões que precisam ser feitas no momento de selecionar os conteúdos, no peso de cada exercício, na quantidade de exercícios, entre outros. O quesito de conhecer a turma no momento de elaborar a prova também foi um destaque do processo: quando sabemos quais as dificuldades e forças que o público alvo da prova possui, conseguimos adequar melhor o que será feito para eles. Nesse sentido tive muito mais êxito em medir o grau de dificuldade na segunda prova, quando realizamos previamente o sorteio para saber qual colega iria realizar cada prova.

2.5 Relato da Professora Ana Paula

No primeiro semestre do ano de 2024 o Curso de Licenciatura em Matemática ficou com as atividades paralisadas por quase três meses devido a uma greve de servidores, sendo que no restante do ano professores e estudantes estavam muito atarefados com as reposições de aulas. Nesse contexto, me pus a pensar formas alternativas para realização das avaliações, de modo que o conhecimento dos estudantes não fosse mensurado somente pelo desempenho em uma prova elaborada por mim. Por mais que eu tenha quinze anos de experiência como docente e busque ser coerente com as aulas ministradas, reconheço a dificuldade em elaborar uma prova que seja justa com todos os estudantes, visto que eles possuem conhecimentos diferentes. Assim surgiu a ideia da prova amigo oculto, que foi realizada com outras turmas e disciplinas específicas de Matemática.

A experiência prévia e a adesão dos estudantes de Vetores e Geometria Analítica me mostraram que os estudantes estavam a pensar sobre avaliação sob outra perspectiva, a do Professor, as discussões e reflexões advindas deste formato de prova eram muito importantes para a formação do futuro Professor de Matemática. Para exemplificar, tenho o hábito de levar as provas corrigidas para vista, no formato tradicional ocorre de os estudantes tomarem conhecimento da nota lançada no sistema acadêmico e não revisarem a prova realizada. Isso não ocorreu na prova amigo oculto por causa da autoavaliação e depois da prova corrigida os estudantes demonstraram mais interesse em verificar se haviam cometido algum erro, inclusive na elaboração. Cabe salientar que a prova continuava sendo o instrumento central para as avaliações,

ou seja, não se tratava de uma grande inovação nos métodos avaliativos e que a temática avaliação costuma ser discutida em disciplinas pedagógicas, por exemplo no sexto semestre temos “Currículo e avaliação na educação”.

Do ponto de vista prático, a prova amigo oculto trouxe um trabalho maior para mim na condição de Professora da disciplina, pois avaliava provas diferentes e para cada estudante: a elaboração da prova, a resolução da própria prova, a resolução da prova feita por um amigo e a autoavaliação. Apesar disso, compreendo que a dinâmica provocou um saldo positivo em se tratando de um Curso de Licenciatura em Matemática.

Postos nossos relatos de experiência, traçaremos algumas relações entre a vivência e referências sobre avaliação.

3. Relação com a teoria

A experiência vivenciada na disciplina de Vetores e Geometria Analítica nos possibilitou refletir sobre o papel da avaliação na Formação Inicial de Professores de Matemática, longe de ser apenas um mecanismo de mensuração de resultados, a avaliação se configura como prática social, pedagógica e investigativa, devendo contribuir para a construção de uma postura investigativa, crítica e reflexiva (Hoffmann, 2021).

A experiência da “Prova Amigo Oculto” dialoga com esse princípio ao promover a participação ativa dos estudantes na elaboração de instrumentos avaliativos, possibilitando que assumam o papel de avaliadores e avaliados. É evidente que ao elaborar provas, os estudantes precisaram refletir sobre o nível de dificuldade, a pertinência das questões e a abrangência dos conteúdos, o que aproxima a avaliação de um processo de reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de matemática. Godino e Pino-Fan (2015) colocam esse processo como sendo influenciado por diferentes fatores, como institucionais, sociais e afetivos. Como foi observado pelos relatos anteriormente citados, cada prova elaborada por cada estudante, foi feita com uma perspectiva diferente, carregando a cultura, as expectativas e experiências de cada um,

todavia em todo momento a elaboração sempre foi feita visando o coletivo, não se limitando ao aspecto individual.

Outro ponto relevante é a dimensão formativa da avaliação. Para Luckesi (2011), avaliar não é punir ou classificar, mas compreender o processo de aprendizagem, identificando potencialidades e dificuldades dos estudantes. A autoavaliação presente na “Prova Amigo Oculto” está em consonância com essa concepção, pois permitiu que cada estudante comparasse suas soluções às resoluções apresentadas pelo colega, refletindo sobre erros, acertos e estratégias utilizadas.

Quando lemos os relatos dos estudantes e da Professora, podemos perceber divergências sobre o formato de prova amigo oculto, nem todos os estudantes defendem que seja uma boa maneira de avaliar, isso demonstra que nenhum instrumento avaliativo irá satisfazer plenamente a todos os estudantes, daí a importância de se trabalhar com instrumentos diversificados.

A respeito dos instrumentos avaliativos e da avaliação da aprendizagem em disciplinas específicas de Matemática na Licenciatura em Matemática, Santiago e Vilas Bôas (2024, p. 350) consideram que mesmo que outros instrumentos avaliativos, além das provas tradicionais, sejam utilizados, a finalidade da avaliação é classificatória, “o alvo continua sendo as notas obtidas a fim de classificar os alunos em bons ou ruins, capazes ou não capazes, aprovados ou reprovados”.

Ademais, especificamente nos Cursos de Licenciatura em Matemática, a evasão costuma ser alta e fator de preocupação. Na pesquisa de Mestrado de Pinheiro, orientada por Zaidan, foram acompanhados estudantes de Licenciatura em Matemática realizando disciplinas específicas em uma Instituição de Ensino Superior. As autoras apontam que a quantidade de estudantes por turma diminuiu durante a pesquisa, sendo que o rigor das provas foi apontado pelos licenciandos participantes da pesquisa como um dos fatores que influenciam esse fenômeno.

A quantidade de alunos/as em sala de aula, nas disciplinas pesquisadas, reduziu-se no decorrer dos semestres, à medida que as provas foram aplicadas e os/as estudantes percebiam que não conseguiriam obter a nota média para aprovação. Assim, ao abandonarem a disciplina, são reprovados/as por frequência, como relata Coralina: “Se você observar bem as turmas aqui, depois

da primeira prova diminui o número de alunos, depois da segunda, diminui mais ainda, aí na terceira prova só ficam os 'heróis da resistência'" (risos) (Pinheiro; Zaidan, 2021, p.151).

Os relatos de experiência dos estudantes articulados com as pesquisas de Santiago e Vilas Bôas (2024) e Pinheiro e Zaidan (2021) nos permitem inferir que a prova amigo oculto pode romper com o caráter classificatório das provas e contribuir para o êxito dos estudantes e permanência no Curso de Licenciatura em Matemática, além disso é urgente pensarmos em outras estratégias avaliativas que não se caracterizem como fator de ansiedade para os estudantes. Compreendendo que outras interpretações dos relatos aqui apresentados são possíveis, deixaremos algumas considerações.

4. Conclusões

Diante dos relatos expostos, retomamos o objetivo de detalhar a experiência vivenciada por quatro estudantes e a Professora da disciplina Vetores e Geometria Analítica ao realizarem a prova amigo oculto.

Ainda que os relatos demonstrem opiniões contrárias ou favoráveis à estratégia de avaliação, podemos depreender preocupações que mobilizaram o grupo a discutir e refletir sobre a avaliação da aprendizagem nas disciplinas de Matemática. Foram observadas preocupações com a elaboração de uma prova justa de acordo com o conhecimento e dificuldades dos colegas da turma; preocupações sobre a adequação da quantidade de itens ao tempo para realização da prova; preocupações sobre a abrangência do conteúdo e pertinência na escolha das questões; preocupações sobre as fontes para escolha das questões; preocupações sobre a diversidade de itens na prova; preocupações sobre relacionar os conteúdos da disciplina com outros estudados anteriormente. Assim, colocar o licenciando no papel de elaborador da prova permitiu que pudessem ter uma primeira experiência sobre o processo, levando-os a compreender como há diferentes fatores que influenciam tal elaboração e que nenhum deles é desprezível.

Como trabalhos futuros podemos propor que o modelo de prova amigo oculto seja experimentado em outras disciplinas do curso e que sejam colhidos novos relatos

de experiência entre os envolvidos, desse modo poderemos discutir alterações na proposta, que auxiliem os estudantes na elaboração das avaliações, tornando o processo mais “igualitário”, visando a diminuição da ansiedade e mais satisfação para todos.

Referências Bibliográficas

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática**. Guarulhos, IFSP, 2022. Disponível em: <https://gru.ifsp.edu.br/index.php/superiores/licenciatura-em-matematica.html>. Acesso em 29 set. 2025.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, N. V.; Z Aidan, S. Percepções de licenciandos/as em Matemática sobre avaliação da aprendizagem. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 130–159, 2021. DOI: 10.23925/1983-3156.2021v23i2p130-159. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/53746>. Acesso em: 29 set. 2025.

PINO-FAN, L. R.; GODINO, J. D. **Perspectiva ampliada del conocimiento didáctico-matemático del profesor**. Paradigma, Maracay, v. 36, n. 1, p. 87–109, 2015.

SANTIAGO, A. S.; VILAS BÔAS, J. Instrumentos avaliativos no ensino da matemática: a sua diversidade em um curso de Licenciatura em Matemática na Bahia. **Revista Sergipana de Matemática e Educação Matemática**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 347 – 368, 2024. DOI: 10.34179/revistem.v9i3.20705. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/ReviSe/article/view/20705>. Acesso em: 29 set. 2025.

WINTERLE, P. **Vetores e Geometria Analítica**. São Paulo: Pearson, 2015.

Concordância com o regulamento

Declaramos que concordamos em ter nossos dados coletados e armazenados de acordo com a declaração de privacidade e afirmamos ter conhecimento e leitura do regulamento vigente.

Declaração de Originalidade

Declaro, para os devidos fins, que este trabalho é original e que todas as fontes utilizadas foram devidamente referenciadas.